

Grupo de Estudos Nietzsche. Dicionário Nietzsche. Loyola: São Paulo, 2016, 464 pp.

VALMOR LUIZ OSELAME*

O **Dicionário Nietzsche** [(editora responsável Scarlet Marton – São Paulo: Editora Loyola, 2016. – (Sandas e Veredas), 464 pp.] é um trabalho elaborado por um grupo de filósofos pesquisadores (13), todos com obras e textos publicados sobre a filosofia de Nietzsche, e participantes do GEN-Grupo de Estudos Nietzsche da USP, apresentado num encontro na PUCRS, em Porto Alegre no dia 26 de setembro de 2016 pelo editora responsável e apresentação de temas dos professores Clademir Araldi, Ivo da Silva Junior e Vânia Dutra de Azeredo. Cada um desses autores está identificado no final do livro. O objetivo do Dicionário, como está dito no Prefácio, é “oferecer uma ferramenta de trabalho aos estudiosos da filosofia nietzscheana, sejam eles especialistas ou tão somente interessados” (p. 18). No entanto, é possível dizer que o dicionário não só é uma ferramenta para a compreensão da filosofia nietzscheana, mas é também uma obra completa em si mesma, e em cada uma de suas partes, que possibilita uma visão de conjunto e uma compreensão da vida, da obra e do pensamento de Nietzsche.

A obra é composta de três partes essenciais, além de prefácio, índices, bibliografia e informações sobre os autores. Na primeira parte a editora responsável, Scarlet Marton, apresenta um breve resumo da vida e obra de Nietzsche. A segunda parte traz um resumo de cada obra de Nietzsche publicada feito por um autor diferente. A terceira parte, que abrange 326 páginas do livro, traz um conjunto de 156 verbetes analisados pelos autores,

* Valmor Luiz Oselame, mestrado e doutorado pela UFRGS.

a partir do emprego que Nietzsche fez deles em suas obras publicadas e nos fragmentos póstumos. Todas as três partes têm a mesma relação entre si e como conjunto da obra para alcançar o objetivo exposto no prefácio.

Na primeira parte, a síntese que a editora responsável faz da vida e obra de Nietzsche apresenta não apenas o pensamento abstrato da filosofia de Nietzsche, mas o pensamento tal como Nietzsche o transmitia, qual seja, um pensamento fruto de uma vida vivida com intensidade, uma vida de crenças e descrenças, de realizações e projetos, de alegrias e tristezas, dores e amarguras; um pensamento, para usar uma expressão do próprio Nietzsche, que vem quando ele quer e não quando nós queremos. A leitura deste texto, por breve que seja, é fundamental para uma das melhores interpretações do pensamento de um autor tão complexo, tão discutido e, às vezes, tão mal interpretado, como Nietzsche.

Na segunda parte, em sessenta páginas, os treze autores, incluída a editora responsável, apresentam uma síntese/resenha das treze obras publicadas de Nietzsche que dá uma ideia clara do conteúdo de cada uma delas. Embora feitas por autores diferentes, o conjunto dessas sínteses traz uma unidade que interliga as obras entre si e que mantém a progressão do pensamento de Nietzsche. A leitura de cada um desses textos é como uma chave de leitura de cada obra. Com essa leitura fica extremamente facilitada a compreensão do pensamento de Nietzsche como um todo e de cada escrito seu, mesmo dos que não constam nesta relação.

Os autores destes textos, de uma forma ou de outra, fazem parte de GEN/USP – Grupo de Estudos Nietzsche da Universidade São Paulo – sendo ainda a maioria deles doutorados pela própria USP e pesquisadores do GEN. Isto dá unidade ao trabalho e à interpretação do pensamento de Nietzsche. Na bibliografia para a elaboração de seus textos os autores trocam publicações entre si, e dez deles citam obras da editora responsável, Scarlet Marton.

O GEN, de certa forma, coordena e supervisiona toda a interpretação do pensamento de Nietzsche no Brasil e faz parte de outros grupos internacionais, como o GIRN – Groupe International de Recherches sur Nietzsche – e conta em seu conselho editorial com estudiosos do mais alto conceito de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, França, Colômbia, Chile, Argentina, além do Brasil. Isto lhe confere extrema credibilidade. Se, por um

lado, esta unidade facilita a compreensão de um pensamento que foi tão incompreendido, e até mal compreendido, quando de sua exposição, e em determinado momento mal aplicado, por outro lado há o alerta do próprio pensador Nietzsche tanto a respeito das interpretações quanto às referências ao “espírito livre”; até que ponto uma interpretação unificada é fruto de um espírito livre. De certa forma aqui se configura uma apropriação do pensamento de Nietzsche pelos latinos dando-lhe uma roupagem que que ele mesmo desejava.

A terceira parte, que constitui o corpo da obra, traz os verbetes que compõem praticamente todo o pensamento de Nietzsche com a interpretação feita pelos autores. Além de serem citados nas obras em que foram usados, os autores dão também os verbetes a eles relacionados, de tal forma que a leitura dos simples verbetes possibilita já uma compreensão do conteúdo dos textos em que foram usados. A metodologia é a mesma da parte dois em que os autores trocam bibliografias entre si e a completam com as obras da editora responsável, Scarlet Marton. É dispensável uma análise de cada verbete, já que no seu conjunto são completos e precisos. Quero, porém, destacar apenas alguns, que considero fundamentais no pensamento de Nietzsche.

É bom lembrar que Nietzsche era um exímio manipulador das palavras e dos conceitos, e quando não encontrava, geralmente por não existir, uma palavra que correspondesse exatamente ao que lhe surgia na mente, ele criava palavras que se tornavam mais filosofemas do que simplesmente conceitos, ou usava palavras latinas ou gregas que melhor expressavam a ideia. Ele era, como deixou expressa de forma contundente na primeira extemporânea, um propagador de uma linguagem clássica e terrivelmente combativo contra a linguagem jornalística quando se tratava de cultura. Daí o cuidado que se deve ter com os termos por ele usados, principalmente quando se trata de traduções.

Desta natureza é a expressão “*amor fati*” que em determinado momento de sua vida Nietzsche adota como lema. O dicionário traz também a palavra “*Fatalismus*” que Nietzsche usa em algumas passagens bem como “*Fatalität*”. A sutileza de Nietzsche no uso dos conceitos, porém, deve ser levada em consideração nesses casos tendo em vista o uso vulgar das palavras como fado ou destino. O dicionário faz esta advertência, mas mesmo

nos originais “*Fatum*”, “*Fatalismus*” e “*Fatalität*”, têm suas nuances. Quanto ao “*Fatum*”, Nietzsche o usou já no tempo de estudante em Pforta quando escreveu os dois textos para a Revista Germânia que ele, com seus amigos e colegas, havia fundado como meio para seu aperfeiçoamento, trabalhos sob os títulos “*Fatum e História*” e “*Liberdade da Vontade e Fatum*”. Este conceito de *Fatum* é o embrião daquele fragmento 1067 de 1885 incluído na projetada obra *Vontade de Potência* no qual Nietzsche diz o que é o mundo para ele “um gigante de força, sem início e sem fim...” concluindo “Este mundo é vontade de potência e nada além disso! E também vós mesmos sois essa vontade de potência – e nada além disso!”.

Outro termo, ou expressão, que merece cuidado é “Vontade de Potência”, tradução adotada pelo GEN, enquanto outros preferem “Vontade de Poder”. A expressão “*Wille zur Macht*” que Nietzsche usa não corresponde aos significados ordinários de “vontade, poder ou potência”. Não se trata aqui de corrigir o dicionário; apenas alertar o leitor, principalmente o leigo em filosofia e em Nietzsche, de que a simplicidade das palavras portuguesas não alcançam a profundidade do conceito, que mais do que um conceito é um filosofema.

O mesmo cuidado merece a palavra “Além-do-homem”, tradução adotada pelo GEN, embora haja outras, para o termo alemão “*Übermensch*”. A história da interpretação e uso deste termo já deu algumas dores de cabeça, e mereceria até mesmo um estudo específico; daí todo cuidado é pouco. É digna de nota a observação de Kaufmann, reportada por Paulo Cesar de Souza em sua tradução de *A Gaia Ciência* para a Cia das Letras, 2001, onde está dito que a primeira vez que a palavra *Übermensch* aparece nos escritos de Nietzsche foi no § 143 de *A Gaia Ciência*. O que chama a atenção é a frase toda, assim traduzida “A invenção de deuses, heróis e super-homens de toda espécie, e também de quase-homens e sub-homens, de fadas, anões, sátiros, demônios e diabos, foi o inestimável exercício do indivíduo: a liberdade que se concedia a um deus, relativamente aos outros deuses, terminou por ser dada a si mesmo em relação a leis, costumes e vizinhos” (GC. § 143); o original traz “*Übermenschen aller Art, sowie von Neben- und Untermenschen*”. O dicionário traz o uso que Nietzsche fez do termo *Übermensch* a partir do Zarathustra, quando Nietzsche já lhe havia dado “contornos precisos”. No entanto seria de muita utilidade conhecer o que

Nietzsche queria dizer com “*Übermenschen aller Art, sowie von Neben- und Untermenschen*”, incluídos naquele aglomerado de entidades de todo tipo.

Se em janeiro de 1882, no fragmento 16(22), Nietzsche diz: “Sim! Só quero amar o que é necessário! Sim! Que meu último amor seja o *amor fati!*”, isto só pode ser entendido dentro do contexto do Eterno Retorno do Mesmo, aceitar a vida como se tivéssemos que vivê-la inúmeras vezes sempre do mesmo jeito. Para isso faz-se necessária uma transmutação de todos os valores, que foi o projeto final de Nietzsche, exemplificado já em seu Zaratustra.

Tenho a certeza de que estes quatro termos, com os correlacionados indicados no dicionário e a conferência nas obras em que eles foram usados, sobriria pouca coisa a ser acrescentada para a compreensão total e completa do pensamento de Nietzsche.

Durante os anos em que Nietzsche era professor em Basileia seus escritos estavam voltados para a renovação da cultura alemã; na sua fase de viandante conversando com sua sombra seu pensamento volta-se para uma transmutação de todos os valores, edifício construído sobre os quatro pilares fundamentais: Vontade de Potência, Além-do-homem, Eterno Retorno do Mesmo e Amor Fati. Os demais conceitos expressos nos verbetes e muito bem explicitados no Dicionário constituem todo o material para esta grandiosa obra que pode ser sintetizada pela palavra “Nietzsche”.

Como observação final quero dizer que o Dicionário Nietzsche poderia ser considerado um livro em aforismos, cujo título seria simplesmente “Nietzsche”, omitindo-se a palavra Dicionário, já que cada aforismo, no dizer de Schlechta “é uma unidade independente e encerrada em si mesma, como um pequeno organismo com vida própria”. Ele contém suficientemente tudo o que é necessário para um conhecimento da vida e da obra deste polêmico autor. Várias vezes pessoas leigas em filosofia, mas amantes de uma boa leitura, perguntaram-me qual o primeiro livro de Nietzsche que deveriam ler para começar a ter uma ideia pelo menos desse pensador que está nas prateleiras das boas livrarias. Eu sempre respondi “Nenhum”, porque entendo que para entender Nietzsche o melhor caminho não é começando por ler uma obra sua. Agora, porém, se me perguntarem responderei “O Dicionário Nietzsche”, pois este é o começo do caminho, como um fio condutor para não perder-se no labirinto de um pensamento que é ao mesmo tempo literário,

filosófico, artístico, psicológico, e, acima de tudo, um pensamento que pensa a vida humana em sua totalidade. O objetivo foi alcançado!